

LAZER E PERIGO: MOVIMENTOS CULTURAIS E SEGURANÇA NA LAPA

Andressa Cabral Botelho¹

Igor Lacerda²

Victor Belart³

Resumo: A Lapa, bairro boêmio do Rio de Janeiro, passou por um processo de “revitalização” para atender as demandas dos megaeventos – Copa do Mundo (2014) e Jogos Olímpicos (2016) – e dos empresários locais. Embora tenha recebido muitos investimentos durante tais processos, atualmente tem sido narrada pela grande mídia como um bairro violento, inseguro e “sem vida”. Contudo, a Lapa nunca esteve *morta*, nem antes dos eventos internacionais, nem agora. Assim, objetivo deste artigo é *entrelaçar* as matérias de O Globo sobre a “Lapa caótica” e a “Lapa revitalizada” com a *experiência cultural* de grupos que atuam na rua, como o Jongo na Lapa e Dandalua, bem como de eventos do Circo Voador que inevitavelmente terminam nos arcos. Partimos da hipótese que suas ruas assistem o vaivém de pessoas com visões diferentes de mundo, mas também servem de abrigo àquelas que pensam junto. Corpos que se misturam às arquiteturas contemporâneas e antigas que parecem falar, ou às vezes berrar, aos ouvidos. Enfim, a história da Lapa é (re)escrita diariamente por seus transeuntes, moradores, notívagos, movimentos políticos e culturais. Além, é claro, das representações difundidas pelos grandes veículos de comunicação. Eles, juntos, assim como *outras intervenções*, revelam um conjunto de ideias sobre a Lapa que é elaborado/reelaborado cotidianamente.

Palavras-chave: Lapa; Rio de Janeiro; Circo Voador; jongo; microeventos.

¹ Mestranda em Comunicação Social no PPGCOM UERJ, na linha de pesquisa Cultura das Mídias, Imaginário e Cidade, graduação em Jornalismo pela UERJ (2014) e graduanda em Relações Públicas pela UERJ. Atua com comunicação comunitária e Direitos Humanos. acabralbo@gmail.com O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

² Mestrando em Comunicação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (bolsista Faperj Nota 10), pesquisador no Laboratório de Comunicação, Cidade e Consumo (Laccon - UERJ) e graduado em Comunicação Social. E-mail: igorlacerdasa@gmail.com

³ Mestrando em Comunicação Social no PPGCOM UERJ, na linha de pesquisa Cultura das Mídias, Imaginário e Cidade. Bolsista CNPQ. Especialista em Jornalismo Cultural. E-mail: belart.victor@gmail.com

Introdução

Quem projetaria
Essa elegância solta
Essa alegria
Essa moça-vanguarda
Esse rapaz gostoso
Que é a Lapa
Lapa, Circo Voador
Lapa, choro
E rock'n'roll
(Lapa – Caetano Veloso)

No Rio de Janeiro, a Lapa sempre foi um lugar de encontro, como diria Maffesoli (2014). Abriga as mais diversas tribos, sons e atividades culturais, é “cool e popular” como cantada por Caetano Veloso. A Lapa é eclética, e nela a moça-vanguarda e o rapaz gostoso dançam samba, choro e *rock and roll* até o sol nascer e, às vezes, esse espírito festivo continua mesmo à luz do dia. E ainda que todos os “vadios” tenham ido embora, a energia da celebração continua impregnada em ruas, quebradas, escadarias e aquedutos. A Lapa tem uma vivacidade própria, inerente à boemia que nela habita ou perpassa.

Em antagonismo à “essa elegância solta/ essa alegria”, os discursos midiáticos têm retratado a Lapa como uma ameaça, um lugar perigoso e degradado. Um exemplo é a *Boemia ameaçada*, publicada pelo jornal O Globo em 23/05/2018, onde é possível notar que os bares, agora abandonados e desmantelados, estão sendo ocupados por “moradores de rua”. Além disso, é dito como os bares e as casas noturnas estão fechando por falta de consumidores, influência da crise econômica que tem acometido o estado do Rio. Ou pelo excesso de “camelôs, competindo diretamente com os empreendimentos econômicos. Assim, para os empresários que continuam na Lapa, seus maiores vilões são “os sobreviventes” ao processo de “revitalização” (feito em 2015, visando os megaeventos) que seriam: moradores de rua, usuários de drogas ilícitas, vendedores ambulantes, crise econômica, falta de ordem. Por tudo isso, é concluído: “Lapa já não tem o brilho de antes (...) A Lapa está mais morta do que viva” (O GLOBO, 2018, p. 9).

Os discursos midiáticos sobre a Lapa seguem as perspectivas dos empresários locais, segundo Lacerda e Fortuna (2018). Antes, para atender as demandas dos megaeventos, a mídia representava a Lapa como um lugar morto que precisava dos

planos de “revitalização” e “renovação”, atraindo por causa de tais planos negócios e investimentos. Atualmente, mesmo após o “renascimento” que afastou antigos moradores e frequentadores, a Lapa continua a ser representada como um “lugar sem vida”, agora causado pela crise econômica.

Percebemos que as narrativas da grande mídia silenciam estrategicamente grupos que conseguem enxergar um espaço potente, vivo e pulsante, apesar de seus “problemas”. Então, o propósito deste artigo é trazer à discussão a história e o fazer artístico destes grupos, focando principalmente nos grupos *Jongo na Lapa* e *Dandalua* e outros eventos de rua que transformam/reforçam os sentidos da Lapa. Importante ressaltar que embora tratemos também de eventos do Circo Voador, um espaço privado, reconhecemos que eles inevitavelmente se integram aos espaços públicos.

Como metodologia para atingir este objetivo proposto, recorreremos à etnografia, realizando a observação participante e entrevistas de profundidade para entender como as tribos mencionadas anteriormente constroem novas narrativas às criadas pela mídia tradicional, partindo, então, da hipótese que a Lapa é reavivada diariamente pelos diferentes corpos que nela circulam, habitam, cantam e dançam. A cidade não tem um pensamento único, como os discursos hegemônicos fazem parecer, pelo contrário: ela é palco dos contrastes, dos encontros heterogêneos. É a identificação dessa pluralidade que nos encanta/interessa.

O Circo e a Lapa que voa para além dela mesma

Inaugurado no início da década de 80 depois de curta temporada no Arpoador, o Circo Voador se estabeleceu no antigo campo de futebol da Lapa e se consolidou ao longo de décadas como uma ponte entre o bairro, seus bares privados e a rua. Assumidamente ativista, a casa recebe tanto a programação regular de shows, quanto oficinas de formação de grupos culturais, blocos de carnaval ou coletivos de dança, que a partir da reunião na lona, passam a ocupar parques e praças da cidade ampliando o convívio do carioca com seus espaços públicos, incluindo a própria Lapa. Deste modo, podemos reconhecer a importância da casa - e consequentemente da própria Lapa - como fundamental para a construção de um imaginário de cidade permissivo à utilização da rua como espaço possível de ser vivido e sentido, inclusive para discutir o problema da violência na cidade a partir de um recorte do campo da cultura. O Circo,

portanto, se apresenta como laboratório que amplia a experiência de cidade oferecida pela Lapa independente do momento histórico ou político vivido pelo Rio.

Se o indivíduo “consome sua existência através de uma inversão nos espaços e lugares sensíveis da cidade” (LA ROCCA, 2018, P.127), o Circo Voador estabelece este constante papel de estimular a vivência da cidade a partir do contraste, da proximidade ou da fusão entre a tecnologia e o arcaico. Ao mesmo tempo em que abriga shows internacionais ou lançamento de marcas de vestuário⁴, abre espaço para palhaços iniciantes, trapezistas, aulas de jongo ou oficinas. Até o início da década, por exemplo, os muros da casa eram pintados semanalmente, anunciando artesanalmente a nova programação de shows. Expostos na parede com tinta permanente, tais anúncios de datas eram alterados quando nova programação era pintada por cima, numa intervenção que buscava modificar a paisagem do bairro cotidianamente à moda antiga.

Enquanto a Avenida Mem de Sá inaugurava novos bares com letreiros eletrônicos e telões, o Circo pintava seus muros, que seguiam sendo saltados por jovens clandestinamente, visando o tradicional calote na bilheteria da casa que se tornou gesto icônico de distintas gerações para curtirem shows. O músico Marcelo Yuka, por exemplo, fez questão de pular a estrutura dos muros da casa em sua primeira aparição no Circo depois do acidente que o tornou cadeirante⁵. O gesto nasceu em referência ao que fazia com seus amigos Marcelo D2 e BNegão na Lapa dos anos 90. Yuka, ex-baterista, perdeu os movimentos da perna após ser baleado num assalto nos anos 2000. Até sua morte, 18 anos depois, utilizou o espaço da lona como ambiente de discussão por uma política de segurança pública menos militarizada e uma cidade mais aberta, livre e com menos muros. Sempre interessado em discutir violência dentro do Circo, o próprio Yuka chegou a organizar na casa um centro de articulação de cultura e ativismo, a B.O.C.A (Brigada Organizada da Cultura Ativista).

Apesar de fechar o terreno, os tais muros do Circo nunca representaram necessariamente o medo da cidade, mas talvez um questionamento sobre as noções entre cerca, segurança e convívio que o Rio de Janeiro transmite à sua população. Em

⁴ Redley e o show “REFAVELA”, de Gilberto Gil, no Circo Voador em 2019. Disponível em: <<https://www.redley.com.br/e/refavela40>>. Acesso em: 07 abr. 2019.

⁵ O Globo, matéria sobre incidente de Yuka e os muros do Circo. Publicada em: 10/2/2019. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/musica/morto-em-janeiro-marcelo-yuka-deixou-enorme-acervo-com-cancoes-pinturas-ineditas-23441898>>. Acesso em 06 abr. 2019.

sua última aparição no palco do Circo, num ato em protesto pela Morte de Marielle⁶ Franco, o próprio Yuka anunciou aplaudido no Circo que “o contrário da violência não é o ódio, mas o medo” (Yuka, 2018). O mesmo evento, organizado em parceria com os coletivos Fala Akari, Maré Vive, CEASM e CASA DAS PRETAS, revela a forte articulação da casa com setores da sociedade civil dispostos a discutir violência, cidade e uma política progressista pautada pela coragem e afeto.

Da Ditadura aos megaeventos

Ainda sob a perspectiva da discussão da violência, destaca-se que a casa foi palco, em 2019, de ato em favor da liberdade do músico e DJ Rennan da Penha, residente do Baile da Gaiola, preso acusado de associação ao tráfico em sua festa. No evento, o Circo novamente abriu espaço para discutir as relações de repressão e violência do Estado em torno da produção cultural nacional, dilema que sempre acompanhou a trajetória da casa.

Nascido no final da Ditadura Militar, em uma organização de coletivos culturais no Arpoador de 1982 dispostos a brigar por mais democracia e liberdade, a lona se transfere para a Lapa até o ano de 1996. A partir daí, a atividade do Circo vai ter seu impacto percebido, inclusive, na transformação do território da Lapa nos anos 1990 (JUÇÁ, 2014, p.75). Depois oito anos fechada pela Prefeitura, a casa foi reaberta em 2004, em terreno cedido pela mesma, no meio do processo de preparação da cidade para o Panamericano de 2007, primeiro megaevento oficial desta sequência.

Deste modo, considerando sua própria formação e história, é possível perceber que a própria existência da casa já nasce enquanto intervenção urbana interessada em discutir a cidade e apropriar-se corajosamente dela, independente do contexto social vivido pelo Rio.

Se considerarmos o período Olímpico, é possível constatar que as manifestações culturais de rua, neste período, também foram responsáveis pelo crescente e estrondoso êxito de algumas áreas do Centro, tais como a Lapa e a Praça XV, “as quais passaram os últimos anos a gravitar em torno das atividades musicais” (HERSCHMAN & FERNANDES, 2016, p.13). Nesse contexto, é importante considerar o papel do Circo

⁶ “Marielle Gigante”, fala de Marcelo Yuka. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZOvj0HR2wMM>>. Publicado em: Acervo Circo Voador Youtube em: 30 abr. 2018.

desde seu retorno, ajudando a fomentar os grupos que geraram a transformação desses espaços.

Além do apoio institucional da casa no fortalecimento da região da Lapa, no Carnaval ou nas fanfarras de rua, destaca-se sua ação direta no fomento a ações em territórios específicos para além da própria Lapa, como a própria Praça XV, como relembra o diretor de arte do Circo, Vagner Donasc, na publicação da diretora da lona, Maria Juçá, sobre a trajetória da casa. Donasc concebe, por exemplo, que “o Circo é fundamental para o grupo/evento multicultural “I Love XV”, com atuação na praça, que se tornou o movimento mais anárquico do skate nacional nos anos 00 e início da década seguinte, pautado pelo faça você mesmo (DONASC *apud* JUÇÁ, 2014, p. 544).

O Circo, como pode-se perceber, surge como referência de espaço transformador para as novas gerações ativistas – desta vez, atuando na rua e por distintos territórios. Confirmando essa hipótese, o jornalista Ruy Gardinier, responsável pelo acervo digital da casa, enumerou, ao lado mestre de cerimônias Lencinho Smith, alguns eventos e algumas relações entre o Circo e os movimentos de rua no período entre 2011 e 2018. São eles: Amanhecer Contra a Redução (2015), Batalha Épica de Fanfarras (2011 até hoje), Evento Praça (2015 e 2016), Festival O Passeio é Público (2015 até hoje), I LOVE XV (antes 2011 até 2016), Ocupa Lapa (2013 e 2014), Roda de Coco Zanzar (antes 2011 até hoje), Oficina da Orquestra Voadora e do Coletivo Pernaltas (2013 até hoje), MAR de música (2012 até 2017), Parking Day (2013 e 2014), Sarau do Escritório (2013 até 2018), entre outros.

Os dados coletados fazem parte de um calendário extraoficial do Circo em eventos internos ou externos feitos na própria rua, que não geraram lucro para a casa e que ocorreram, acima de tudo, pelo alinhamento ideológico dela com essa cena. Quase todas essas ações não se esgotam em si próprias enquanto eventos: se observarmos as oficinas da Orquestra Voadora realizadas no Circo, por exemplo, destaca-se que as mesmas ajudaram a fomentar o surgimento de mais de 30 novos grupos musicais das ditas “neofanfarras”. Hoje, elas tocam pelas ruas em festas, manifestações políticas ou no carnaval da cidade e movimentam milhares de pessoas anualmente (HERSCHMANN, 2014, p.4). Por tais fatos, sustenta-se a hipótese de que o espaço do Circo sempre andou junto e construiu pilares para a explosão desse movimento dos microeventos nas eras pré e pós-olímpica, servindo de trampolim para a ascensão dos

coletivos, blocos e intervenções que hoje seguem se estabelecendo na Lapa. Deste modo, percebe-se também o território da Lapa enquanto escola de formação cultural da rua, que acaba estimulando a experiência urbana, especialmente musical e artística, para além de suas fronteiras. Viria da Lapa, portanto e inclusive nos dias de hoje, a formação de uma nova ambiência que se interessa por viver e experienciar a cidade ao ar livre, especialmente buscando combater a sensação de insegurança no imaginário da população.



Circo Voador na Lapa, dias atuais. Foto: Acervo Circo Voador



Circo Voador no início da sua trajetória, anos 80. Foto: Acervo Circo Voador

Saravá, jongueiro novo!

O jongo é, simultaneamente, memória e ancestral. Memória por trazer do campo para a cidade costumes que os jongueiros tinham nas noites de dança a afinar os tambores perto da fogueira, o bailar até o sol raiar em datas comemorativas; e ancestral por ser raiz dos sambas, principalmente do partido alto. Antes da criação das escolas de

samba, as casas eram os terreiros onde se jongava e podia criar novos pontos. A improvisação do jongo deu espaço para o partido alto⁷, que se popularizou na cidade por ter uma letra fácil e não contar com o fator místico do jongo (TAVARES, 2010, p. 30).

O jongo era dançado tradicionalmente no dia 13 de maio, dia da abolição da escravatura para a maioria da população, mas dia de Pretos Velhos na umbanda, entidades que representam a sabedoria e a ancestralidade. Quando veio para a cidade ficava restrito apenas nas casas de samba e terreiros, localizados nas favelas do subúrbio carioca e com o tempo o ritmo passou não apenas a ocupar as ruas, mas hoje as rodas e grupos de jongo tem uma agenda de apresentações públicas, incluindo a Lapa. Uma das mais recentes e conhecidas foi um apresentação-protesto em janeiro de 2018, quando jongueiros de diversos grupos realizaram uma grande roda de jongo em frente à Câmara Municipal do Rio, na Cinelândia⁸, como forma de protesto contra o fechamento da Casa de Jongo, em Madureira, Zona Norte da cidade, pelo descaso com a tradição e cultura negra. “Após o seu primeiro ano no cargo, o governo do bispo evangélico e agora Prefeito Crivella tem sido associado amplamente a impor seus valores religiosos através do financiamento e retirada de financiamento de expressões tradicionais de cultura” (RUA, 2018). Após a manifestação, o espaço recebeu algumas doações e em março foi reaberto.

Em 2002, as associações Grupo Cultural Jongo da Serrinha e Associação da Comunidade Negra de Remanescentes de Quilombo da Fazenda São José, escreveram juntas uma carta com milhares de assinaturas para Gilberto Gil, Ministro da Cultura na ocasião, solicitando o tombamento do jongo como patrimônio imaterial brasileiro, título que veio em 2005, após análise de Marcus Vinícius Carvalho Garcia, antropólogo do Iphan “por sua representatividade enquanto ícone de resistência cultural afro-brasileira na região sudeste; Por representar referência cultural remanescente do legado dos povos africanos de língua banto escravizados no Brasil” (SAMBANDO.COM, [201?]).

A partir de 2002, data que foi solicitado o reconhecimento do jongo como patrimônio, notou-se também o surgimento de grupos de jongo na cidade do Rio,

⁷ O partido alto se assemelha a um repente ou embolada, onde dois ou mais compositores desafiam-se criando a letra na hora. A sua estrutura é de um refrão fácil que se repete (assim como no jongo) e as estrofes que são criadas pelos cantores.

⁸ Grupos culturais protestam contra fechamento da Casa do Jongo da Serrinha. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/grupos-culturais-protestam-contra-fechamento-da-casa-do-jongo-da-serrinha-22271173>>. Acesso em: 13 mar. 2019.

fazendo a manutenção da tradição e da ancestralidade do povo bantu que foi trazido da África para a América e ajudou a construir a identidade do negro da diáspora e da cidade do Rio. Segundo Pollack (1992), memória e identidade social são necessárias para a criação de práticas culturais populares. Da mesma forma, mudar alguns costumes da tradição permitiram que o jongo vindo do campo para a cidade seguisse vivo e resistindo.

A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (ibid., p. 204).

Dois exemplos de grupos que vem resgatando a tradição do jongo e a tornando conhecida na cidade são os grupos Jongo da Lapa e Dandalua, que ocupam partes do território da Lapa em dias distintos, movimentando esses espaços. Criado em 2004, o Grupo Jongo da Lapa ocupa um dos arcos centrais do aqueduto realizando uma roda de jongo que acontece há 15 anos. O grupo e frequentadores de rodas de jongo de diversos coletivos da cidade, além de passantes, se encontram na última quinta-feira do mês para cantar pontos antigos e criações do grupo. Já o Grupo Dandalua surgiu em 2010 oferecendo oficinas de dança e música para o público como forma de difundir a cultura afro-brasileira. Desde 2014 o grupo é conhecido por atrair com os pontos de jongo e coco turistas e visitantes que frequentam a Feira do Rio Antigo, que acontece todo primeiro sábado do mês na Rua do Lavradio.



Apresentação do Grupo Dandalua na Feira do Rio Antigo. Foto: Facebook



Movimento Cultural Jongo da Lapa em um de seus encontros mensais. Foto: Facebook

Considerações finais

A Lapa ganhou um certo *glamour*, e os hoteleiros começaram a achar que era hora de investir (...) é essencial que esses grupos assumam e reformem os prédios históricos. Imóveis como o antigo Bragança, quando abandonados, juntam sujeira, agravam questões sociais. A vinda desses hotéis tende a fazer com que governo e prefeitura fiquem mais presentes. Acredito que o processo só estará completo quando o poder público der um jeito nas casas abandonadas do entorno. Imóveis assim fazem parte da memória do bairro. A Lapa é uma marca internacional, e cada vez mais turistas procuram a região (O GLOBO, 2016, p 28 - grifo nosso)

Em 24 de janeiro de 2016, ano dos Jogos Olímpicos, a Revista O Globo, incluída ao jornal impresso, publicou a *Lapa ganha hotéis que apostam em design e sofisticação*, falando dos “novos hotéis no estilo butique” que eram criados na “Lapa secreta”. Uma Lapa que estava sendo “revitalizada”, atraindo cada vez mais turistas, lucros e consequentemente a cobiça de empresários locais. Começamos este artigo com uma matéria de 2018, trazendo a imagem de uma Lapa “degradada”, e finalizamos mostrando que diferente dos dias atuais, o bairro já teve seus dias de glória nos jornais. Fica evidente, então, que a Lapa passa por períodos cíclicos de notoriedade e abandono na mídia, dependendo, é claro, dos interesses mercadológicos em jogo no momento.

Os discursos midiáticos evidenciam o caráter de “marginalidade” e de ascensão da Lapa desde de seu surgimento, no século XVIII com a construção do Aqueduto da Carioca. E apesar de ter se tornado bairro em 2012, quando deixou de ser sub-bairro do Centro, não perdeu a imagem de “espaço inseguro”. Por outro lado, grupos como os do jongo e espaços privados como o Circo Voador seguem criando uma narrativa paralela ao bairro, mostrando que o território da Lapa sempre esteve ocupado, sendo renovado diariamente por seus habitantes. Assim, a Lapa pode ser considerada como um espaço luminoso, dotado de informação e estrutura, e um espaço opaco (SANTOS, 1994, p. 39), ocupada por “zonas de resistência, em especial de resistência cultural, onde observamos transformações que propõem modificar os padrões culturais hegemônicos dominantes da vida cultural contemporânea” (VAZ; SELDIN, 2018, p. 13).

Seja por atividades culturais ou por grupos vistos como “marginalizados”, muito antes da cidade do Rio tornar-se palco de megaeventos, a Lapa já cedia as suas ruas para a realização de microeventos que resistiram à passagem desses eventos de grande porte. Diferente do que é representado pela mídia hegemônica, que insiste em dizer que o bairro vem perdendo prestígio e empreendimentos por meio da sensação de insegurança, esses eventos ratificam a vivacidade da Lapa e reforçam a importância desse território como ponto de encontro de tribos diversas, cenário de diversas expressões culturais.

Referências

BEDRAN, Laura Martini. Diálogos urbanos: observações sobre a imagem da cidade e linguagem urbana de comunicação. *In: CABRAL, Adilson; FARBIARZ, Alexandre; TAVARES, Denise. Pesquisas em mídia e cotidiano*. Niterói - RJ: Editora da UFF, 2014.

FERNANDES, Cintia SanMartin; HERSCHMANN, Micael. Relevância da cultura de rua no Rio de Janeiro em um contexto de valorização dos megaeventos. *Interin*, Curitiba, v. 21, n. 1, p. 03-21, jan/jun. 2016. ISSN: 1980-5276.

HERSCHMANN, Micael. Ambulantes e prontos para a rua: algumas considerações sobre o crescimento das (neo) fanfarras no Rio de Janeiro. *Revista Logos: cidades, culturas e tecnologias digitais*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 24, p. 01-19, jul-dez. 2014. ISSN 1982-2391

JUÇÁ, Maria. *Circo Voador – A Nave*. Rio de Janeiro: Edição do autor, 2014.

LACERDA, Igor; FORTUNA, Érica. As narrativas jornalísticas de uma Lapa caótica: o medo nos espaços urbanos. Rio de Janeiro. *Encontro nacional de estudos de*

consumo. Rio de Janeiro: [s.n], 2018. p. 01-12. v.u. Disponível em:
<<http://estudosdoconsumo.com/anais-do-ix-enec/>>. Acesso em 06 nov. 2018.

LA ROCCA, Fabio. **A cidade em todas suas formas.** Porto Alegre: Sulina, 2018.

MAFFESOLI, Michel. **Homo Eroticus: comunhões emocionais.** Rio de Janeiro: Forense, 2014.

POLLACK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, jul-dez. 1992. ISSN: 2178-1494

RUA, Ellis. **Centenas protestam, lamentam o fechamento da Casa do Jongo.** 2018. Disponível em: <<http://rioonwatch.org.br/?p=30712#prettyPhoto>>. Acesso em: 08 nov. 2018.

SAMBANDO.COM. **Jongo: o ancestral do samba.** 2017. Disponível em:
<<http://www.sambando.com/jongo-o-ancestral-do-samba>>. Acesso em: 09 nov. 2018.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo. Globalização e meio técnico-científico informacional.** São Paulo: HUCITEC, 1994.

TAVARES, Alessandra. Memórias suburbanas: entre táticas e estratégias. I., 2010, Viçosa. **Seminário nacional práticas sociais, narrativas visuais e relações de poder: visões contemporâneas...** Viçosa: [s.n.], 2012. p. 29-34. v.u. Disponível em:
<https://www2.dti.ufv.br/noticia/files/anexos/phphZqUTm_7435.pdf#page=30>. Acesso em: 08 nov. 2018.

VAZ, Lilian Fessler; SELDIN, Cláudia. **Culturas e resistências na cidade.** Rio de Janeiro: Rio Book's, 2018.